

## *O despertar do passado em Os Insurgentes de Affonso Ávila*

Ana Prates<sup>3</sup>

**Resumo:** Publicado no bojo da escalada repressiva da ditadura militar em 1969, *Código de Minas & poesia anterior* de Affonso Ávila combina a vivacidade da linguagem poética de vanguarda com o jogo semântico e crítico da tradição barroca. O livro tem por objetivo explícito desvelar os substratos da ideologia retrógrada de seu tempo. Nesse sentido, sua poesia se volta para um modo de criação artística calcado numa profícua reflexão sobre a história e a política. Nos seus versos, os fragmentos residuários da sociedade mineira, barroca e contemporânea, encontram-se como imagens justapostas de mundos em crise abertos à rememoração libertadora. Nesse esquema, o passado possui uma dimensão política de inacabamento sendo reatualizado através de procedimentos estéticos de articulação entre a dimensão literária e histórica. Nesta comunicação, tomamos os versos de *Os Insurgentes* como uma amostra dos procedimentos de leitura e interpretação da poesia de Ávila que temos procurado desenvolver.

**Palavras-chave:** Affonso Ávila; Barroco; Poesia de vanguarda

O que pretendemos nesta comunicação é trazer alguns apontamentos de caráter teórico-metodológicos acerca da poética da história de Affonso Ávila. Em dissertação de mestrado defendida recentemente<sup>4</sup>, analisamos alguns poemas do livro *Código de Minas & poesia anterior*, escrito durante 1963 e 1967, mas publicado no bojo da escalada repressiva da ditadura militar em 1969 e. E que agora, em 2019, completa 50 anos de sua publicação. Nesse livro, Ávila combina a vivacidade da linguagem poética de vanguarda com o jogo semântico e crítico da tradição barroca tendo por objetivo explícito desvelar os substratos da ideologia retrógrada de seu tempo. O modo como o poeta mineiro constrói seus versos,

<sup>3</sup> Mestre em História Social da Cultura, PUC-Rio

<sup>4</sup> PRATES, Ana. *Affonso Ávila: razão barroca e consciência histórica do poeta*. Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de História, 2019.

utilizando-se dos fragmentos residuários da sociedade mineira, barroca e contemporânea, nos remete ao método de compreensão das imagens dialéticas de Walter Benjamin. Como procuraremos demonstrar na análise do poema *Os Insurgentes*, a constelação de fragmentos-imagens rememorados criticamente pelo poeta constitui futuros passados reveladores de contradições cujos efeitos estão para além de seus contextos de origem. Nesse sentido, a rememoração desses futuros passados representaria respostas às agonias de um presente de crise.

O poeta, ensaísta e crítico mineiro começou sua carreira literária no início dos anos 1950 publicando seus primeiros poemas na revista *Vocação*. Aos 25 anos, já era editor do *Suplemento Literário do Diário de Minas*. Entre os anos de 1957 e 1962, integrou o grupo da revista *Tendência*, que buscou pautar o debate nacional sobre a renovação da literatura brasileira sob a perspectiva de uma consciência crítica em torno do fenômeno literário. A proposta de um “nacionalismo-crítico-estético” de *Tendência* tinha inspiração nas formulações, do filósofo isebiano Álvaro Vieira Pinto sobre a relação dialética entre consciência crítica e consciência ingênua no estudo da realidade nacional brasileira (PAGANINI, 2013, p. 255).

Da mesma geração do movimento *Noigandres* de poesia concreta, *Tendência* buscava no “móvel da linguagem literária renovada” e “ao espelho brasileiro que aflorava em áreas gerais do pensamento reflexivo e desenvolvimentista”, a proposição de um “nacionalismo crítico” (ÁVILA, 2008, p. 12-15). Mesmo que, advindos de vertentes antagônicas dentro do projeto cultural brasileiro que aflorou nas décadas de 1950 e 1960, os dois movimentos chegariam, por fim, a um ponto em comum: o do barroco. Nesse sentido, Ávila, que representava a vertente poética de *Tendência*, foi o principal elo entre o grupo mineiro e os concretistas de São Paulo. O início efetivo de um “diálogo Tendência-Concretismo” começou a se desenhar a partir do *Congresso de Assis* em 1961, ocasião em que Décio Pignatari anunciou o “pulo da onça”, o “salto participante” da poesia concreta (PIGNATARI, 1963, p. 388.). Desde então, Affonso Ávila e Haroldo de Campos passaram a vislumbrar a formação de uma “Frente ampla nacional de vanguarda participante” (ÁVILA, 1994, p. 16-17). Em 1963, o pacto entre os dois grupos de vanguarda em torno da função crítico-criativa da linguagem poética foi selado com o lançamento do

*Manifesto da Semana Nacional de Poesia de Vanguarda*, ocorrida da Universidade de Minas Gerais em Belo Horizonte (NUNES, 2009, p. 183).

Quando do Golpe de 1964, Ávila seria demitido do jornal *Estado de Minas*, onde era editor de cultura. Foi nesse mesmo período que passou a aprofundar seus estudos sobre o barroco. Em 1967, publicou *Resíduos Seiscentistas em Minas*, livro de ensaios que estabelece os contornos de seu projeto literário que considera as relações sincrônicas entre o homem barroco e o do século XX. Essa visada sincrônica esteve presente no já mencionado *Código de Minas & poesia anterior* (1969) e no livro de ensaios *O Lúdico e as projeções do mundo Barroco* (1971). Os estudos do fenômeno barroco possibilitaram ao autor chegar a um entendimento sobre cultura, conduzido por uma perspectiva de crítica da modernidade, que o auxiliou no descortinamento das “razões da identidade estabelecida entre a época atual e a do barroco, a razão de buscar-se no Seiscentos e no Setecentos brasileiros alguma coisa que nos explicasse melhor histórica e culturalmente” (ÁVILA, 2008, p. 21-22).

Affonso Ávila buscou sintetizar aquele que, talvez, seja um dos traços marcantes de sua obra poética, teórica e historiográfica: a proposta de reconstituição de uma linha de tradição inventiva na cultura brasileira contida na *astúcia lúdica* da linguagem do artista barroco. O autor aproxima presente e passado por meio de um corte sincrônico, do qual faz emergir o elemento essencial comum de uma expressão estética capaz de comunicar a consciência dilemática circundante através do jogo das formas linguísticas. Na perspectiva de Ávila, foi através do jogo que o homem barroco encontrou modos criativos de subversão e saídas, ainda que ilusórias, para a situação absurda do mundo. Por outro lado, enquanto poeta de vanguarda e integrante de uma geração de intelectuais que tinham por projeto a articulação entre pensamento crítico e prática poética, Ávila se inspirou nesse modo de ser barroco, naquilo que ele tem de mais ousado e transgressor: a manipulação da linguagem e a criação artística.

Sua poesia se volta para um modo de criação artística calcado numa profícua reflexão sobre a história e a política. Quanto à história, chamamos de poesia documental em *Código de Minas* as articulações temporais feitas por Ávila na construção dos poemas (PRATES, 2019). Nos seus versos, o poeta recolhe

resíduos de inventários, discursos, processos, notícias, poemas, romances, crônicas e ensaios entrelaçando-os temporalmente em função de um “agora” crítico no presente. Ele nos ajuda a decifrar os antigos signos impressos no *passado* através de novos enunciados, “mas não para inventariá-los, e sim fazer-lhes justiça da única maneira possível: utilizando-os” (BENJAMIN, 2007, 502). Ávila já nos anuncia seu método em *Trilemas da Mineiridade*, poema que abre o livro:

eu em texto de minas  
eu em templo de minas  
eu em tempo de minas

eu em parnaso de outros  
eu em partido de outros  
eu em paródia de outros (ÁVILA, 1969, p. 7-10)

O poeta se utilizará, portanto, do método de montagem literária como recurso para fazer despertar a consciência da história. Nesse sentido, a compreensão do universo cultural, político, econômico e social de Minas Gerais será alcançada através da rememoração de componentes sutis, episódios únicos, imagens saturadas de tensões. Traduzindo os efeitos da poesia de Ávila numa leitura benjaminiana da história poderíamos dizer que o momento da experiência limite ou do instante da cognoscibilidade é o momento no qual irrompe a autêntica consciência histórica. Ao vivenciar “a fantasmagoria do tempo”, Ávila aposta tudo em “uma outra vida em vez da atual” partindo de uma “trama lúdica da existência, podendo sempre recomeçar, no próximo lance do zero”. Tudo se passa como se nos conduzisse pelas “pausas silenciosas do destino [...] em que um outro destino poderia nos ter sido reservado”. É através do jogo que o homem dilemático “confronta-se com a ‘circunstâncias divinatórias’ e aos acasos, em que os instantes do tempo se sucedem com rapidez, fazendo surgir ao jogador constelações inteiramente inéditas” (MATOS, 2011, p. 507-508).

A atualidade do poeta estimula o despertar de imagens agônicas, contraditórias, de jogos de opostos que tornam o passado inacabado justamente pela necessidade de uma crítica transformadora da realidade nacional. A unicidade dos objetos passados, ou no caso de Affonso Ávila, os resíduos recuperados em sua poesia são únicos sobretudo pela crítica e a ação histórica que eles possibilitam

no presente. Assim, cabe a aproximação entre a poética da história de Ávila e as considerações de Walter Benjamin sobre o sentido das imagens dialéticas. Para Benjamin, “nas imagens dialéticas o ocorrido de uma determinada época é sempre, simultaneamente, o ‘ocorrido desde sempre’. Como tal, porém, revela-se somente a uma época bem determinada – a saber, aquela na qual a humanidade, esfregando os olhos, percebe como tal justamente esta imagem onírica. É nesse instante que o historiador assume a tarefa da interpretação dos sonhos” (BENJAMIN, 2007, p. 506).

No poema *Os Insurgentes*, a aposta lúdica de Affonso Ávila está na insinuante promessa de realização das esperanças anunciadas pelas vozes recolhidas. A sombra do vôo dos *Insurgentes* é disposta na narrativa tecida pela reunião das figuras históricas: artistas e rebeldes. Em retábulo alegórico, Affonso Ávila arremata imagens históricas da cultura mineira em que figuram acontecimentos, sejam eles da história ou da arte, que se colocam como um amparo à sua construção poética.

#### OS INSURGENTES

*Minas não gosta das aves de vôo longo; prefere os bacuraus de vôo curto*

CESÁRIO ALVIM

(Cit. Afonso Arinos de Melo Franco, *Um Estadista da República*)

#### O LÚRIDO JOIO DO REVERSO

*onde o vôo insurgente de Felipe  
morro sem me arrepender do que fiz  
a canalha do rei há ser esmagada*

*onde o vôo insurgente de Luís  
muitos homens houvesse  
como o Alferes animoso  
seria o Brasil uma república florente*

[...]

*onde o vôo insurgente de Argoins  
a constituição que nos iguala aos brancos  
morte ou constituição decretamos  
contra os pretos e brancos*

[...]

onde o vôo insurgente de Murilo  
*grandes da terra, tremei nas cadeiras blindadas*  
*que já vem a cólera santa*  
*abrindo narinas de fogo*

onde o vôo insurgente de Carlos  
*o poeta*  
*declina de toda responsabilidade*  
*na marcha do mundo capitalista*  
*e com suas palavras, instituições, símbolos e outras armas*  
*promete ajudar a destruí-lo*

O LÚCIDO JOGO DO REVÉS (ÁVILA, 1969, p. 35-39.)

Ávila, ao enunciar *os Insurgentes* mineiros, não revela a identidade deles por completo. A revelação se realiza, porém, por meio de alusão através das falas históricas dos personagens. É na esfera da poesia que as sutilezas e as camadas lúdicas da linguagem se revelam mais nítidas, quando assumem formas criativas repletas de lances de imaginação e desafio.

Seguindo uma cronologia que se principia pela memória de um dos primeiros conflitos da nascente sociedade colonial mineira, o poeta recupera as últimas palavras proferidas por Felipe dos Santos, insurgente da Revolta de Vila Rica de 1720, antes de sua execução por pena de participação no motim contra os impostos régios. Na estrofe subsequente, o Cônego Luís Vieira, na condição de réu da conjuração formada em Minas Gerais, cita em seu depoimento na quarta inquirição em 1791 palavras que teria proferido Tiradentes, o Alferes Joaquim José da Silva Xavier. Em outra estrofe selecionada, o negro Argoins, administrador de terras e veios do Jequitinhonha, teria liderado a mítica revolta dos escravos constitucionistas em 1821, em defesa da Constituição provisória promulgada no mesmo ano em Lisboa em decorrência da revolução liberal do Porto.

O poema chega enfim a dois poetas:, Murilo Mendes do poema *Penso Cólera* publicado em 1947 no livro *Poesia Liberdade* e. E Carlos Drummond de Andrade e seus versos finais de *Nosso Tempo*, da *Rosa do Povo*, publicado em 1945. Ambos remetem a um tempo sombrio e temeroso, bem como a da promessa de uma reviravolta.

Os bacurais de vôo curto, mencionados na epígrafe atribuída a uma fala de Cesário Alvim (político que teve sua atuação durante o Império e na culminância da

República), são pequenas aves notívagas, também popularmente conhecidas pelo seu canto *amanhã-eu-vou*. Elas fazem sua revoada quando as sombras da noite anunciam sua chegada e. E representam, na fala de Cesário Alvim, as preferências das Minas pelos políticos de carreira curta, em menção aos sucessivos reveses da vida política.

A confrontação dos acontecimentos da história em uma dinâmica sincrônica envolve o presente passado dos *insurgentes* com o presente futuro do poeta, revelando a força transfiguradora de sua poética. Envoltos pelos fragmentos residuais, sua poesia apresenta os acontecimentos singulares do ser em Minas, revelando o mundo teatralizado do barroco, de *um tempo de mortos faladores* e de *totalitária dança*.

Ler hoje a poesia de Affonso Ávila parece reforçar a ideia do inacabamento do passado. Enquanto intérpretes de seus poemas, estamos diante de novos estratos temporais, que provocam novos efeitos sobre o nosso presente. Nesse sentido, as experiências do próprio poeta, os futuros passados contidos nas imagens sínteses que ele produziu como crítica da realidade provocam um choque no momento atual de afloramento do absurdo e do total irracionalismo. A avaliação da poeta Laís Corrêa de Araújo sobre impacto do golpe de 1964 naquela geração de intelectuais da Semana Nacional de Poesia de Vanguarda é um exemplo desses efeitos do passado inacabado:

Passamos todos do transbordamento e da convivência de ideias para a cautela, senão o temor, de um período de assombramento de todos os fantasmas incapazes de distinguir a arte e assinatura peculiar do criador como transcendentem à fragilidade do discurso aparentemente imutável da vontade de poder. A palavra **subversão** cobria toda condição de pluralidade de aspirações indeterminadas e inqualificáveis pelo senso comum, no mínimo estoque vocabular e mental do cerimonial cívico. (ARAÚJO, 1993, p. 50-51.)

Ou ainda, a perspectiva traçada por Luiz Costa Lima, signatário do Manifesto da Semana, em carta a Affonso Ávila em fevereiro de 1965 traça uma das linhas de resistência da consciência crítica:

O que está aí ensina muitíssimo melhor do que se poderia ter dito por palavras. Se existiam **subversivos**, estes não valiam nada em relação aos que estão no poder; estes sim ensinam ao povo o que é

anti-povo e o anti-Brasil. Neste entretanto, porém haveremos de sofrer e amargar. Não seremos parte de uma geração que apenas pôde indicar diretivas que só outras depois de nós poderão tentar ou cumprir? Trabalho hoje dentro desta perspectiva (LIMA,1965).

### **Bibliografia:**

ARAÚJO, Laís Corrêa de. “Caminhos e descaminhos da Semana Nacional de Poesia de Vanguarda: lembrança pessoal”. In: 30 anos da Semana Nacional de Poesia de Vanguarda. 1963/93, Belo Horizonte, Secretaria Municipal de Cultura, 1993.

ÁVILA, Affonso. Código de Minas & poesia anterior. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1969.

\_\_\_\_\_. O poeta e a consciência crítica. São Paulo: Perspectiva, 2008.

\_\_\_\_\_. O Lúdico e as projeções do mundo barroco. São Paulo: Editora Perspectiva, 2012.

BENJAMIN, Walter. Passagens. Belo Horizonte: Editora UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2007.

LIMA, Luiz Costa. “Carta a Affonso Ávila – Petrópolis, 5 de fevereiro de 1965”, 2f. Acervo dos Escritores Mineiros, Coleção Família Ávila, Série Correspondências, Pasta Luiz Costa Lima.

MATOS, Olgária. “Walter Benjamin e o Zodíaco da Vida”. In: SILVA JÚNIOR, Ivo da. (org.) Filosofia e Cultura: Festschrift em Homenagem a Scarlett Marton. São Paulo: Editora Barcarolla, 2011.

NUNES, Benedito. A clave do poético. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

PAGANINI, Nilze. Entrevista Affonso Ávila. SCRIPTA, Belo Horizonte, vol. 17, n. 33, 2013.

PIGNATARI, Décio. “Situação atual da poesia no Brasil”. In: Anais do Segundo Congresso Brasileiro de Crítica e História Literária, Assis (24-30 de julho de 1961), FFCL, 1963.

PRATES, Ana. Affonso Ávila: razão barroca e consciência histórica do poeta. Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de História, 2019.